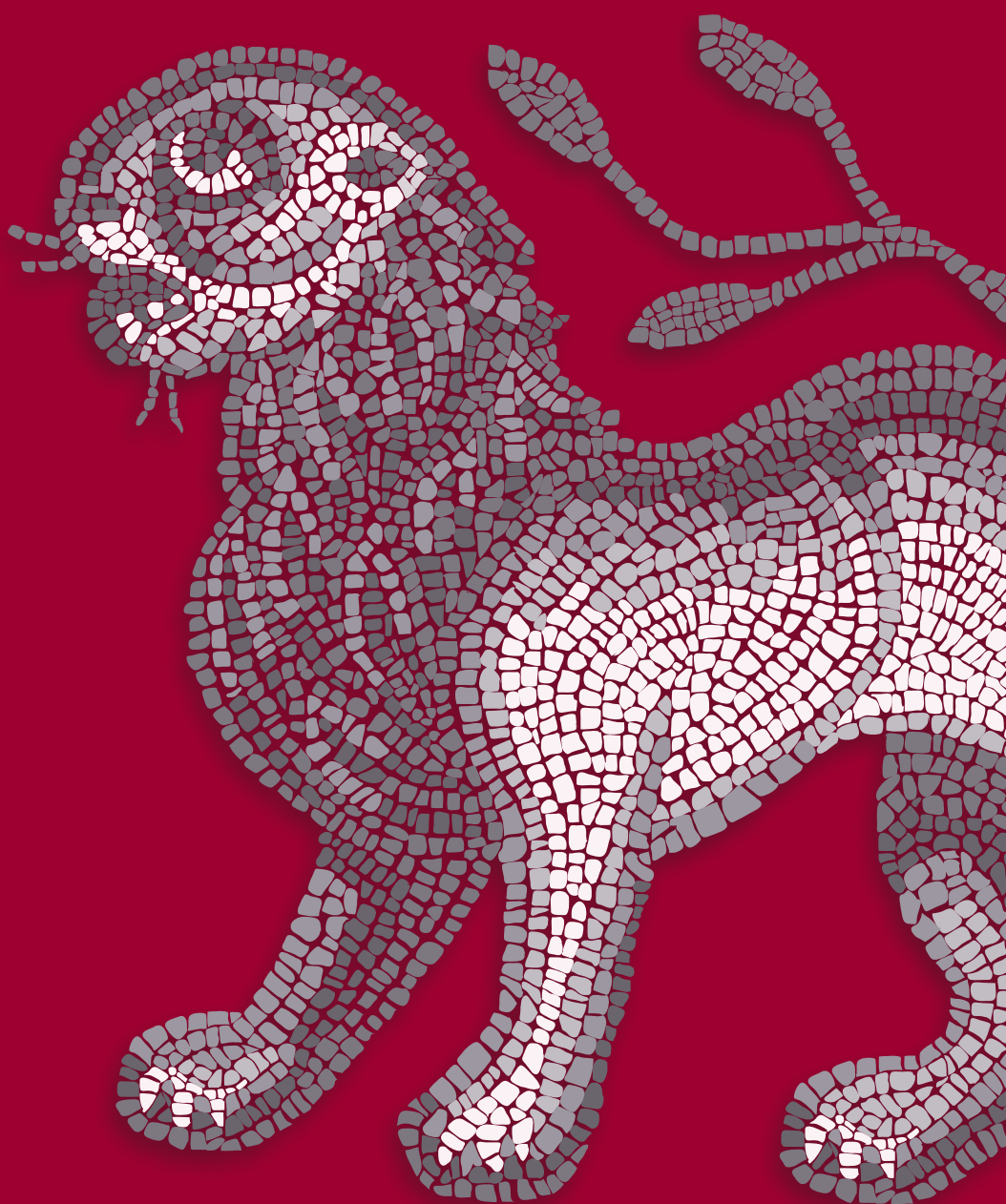


O SUDOESTE PENINSULAR  
**entre Roma e o Islão**

SOUTHWESTERN IBERIAN PENINSULA  
BETWEEN ROME AND ISLAM



O SUDOESTE PENINSULAR  
**entre Roma e o Islão**

SOUTHWESTERN IBERIAN PENINSULA  
BETWEEN ROME AND ISLAM



**ENTRE ROMA E O ISLÃO · PROJECTO DE ESTUDO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO DA ANTIGUIDADE TARDIA NO ALENTEJO**  
**BETWEEN ROME AND ISLAM · RESEARCH AND ENHANCEMENT PROJECT OF THE LATE ANTIQUITY HERITAGE IN THE ALENTEJO**

---

**EXPOSIÇÃO /// EXHIBITION**

ARQUITECTURA DE MÉRTOLA ENTRE ROMA E O ISLÃO  
MÉRTOLA'S ARCHITECTURE BETWEEN ROME AND ISLAM

**AUTORES /// AUTHORS**

SANTIAGO MACIAS

Investigador do Programa Ciência 2008 da FCT  
Universidade de Coimbra CEAUCP/CAM

VIRGÍLIO LOPES

Campo Arqueológico de Mértola

**ORGANIZAÇÃO /// ORGANIZATION**

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DAS UNIVERSIDADES  
DE COIMBRA E PORTO

**COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO /// CO-ORDINATION  
AND PRODUCTION**

OFICINA DE MUSEUS

**CONCEPÇÃO E DESIGN GRÁFICO /// CONCEPTION  
AND GRAPHIC DESIGN**

ANTÓNIO VIANA

**EQUIPA DE MONTAGEM /// SET-UP TEAM**

ADRIANO FERNANDES · CLARA RODRIGUES · GUILHERMINA BENTO

JOSÉ BENTO · LÍGIA RAFAEL · MARIA DE FÁTIMA PALMA

NÉLIA ROMBA · RUTE FORTUNA

**RECONSTITUIÇÕES EM 3D /// 3D RECONSTITUTIONS**

JOSÉ MANUEL PEDREIRINHO · PEDRO TRAVANCA

(Basílica do Rossio do Carmo)

CARLOS ALVES

(Baptistério e Mausoléu)

ANYFORMS NATIONAL GEOGRAPHIC PORTUGAL

(Baptistério II)

**FOTOGRAFIAS /// PHOTOS**

ALBERTO FRIAS · ANA VAZ · ANTÓNIO CUNHA · ARQUIVO CAM

CLÁUDIO TORRES · JORGE BRANCO · MARTINHO CORREIA

RICARDO CABRAL · SANTIAGO MACIAS · VIRGÍLIO LOPES

**MAPAS E DESENHOS /// MAPS AND DRAWINGS**

CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

CARLOS ALVES · JOSÉ LUÍS MADEIRA · NÉLIA ROMBA

**LIVRO /// BOOK**

O SUDOESTE PENINSULAR ENTRE ROMA E O ISLÃO  
SOUTHWESTERN IBERIAN PENINSULA BETWEEN ROME AND ISLAM

**COORDENAÇÃO GERAL /// GENERAL CO-ORDINATION**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ · SANTIAGO MACIAS · VIRGÍLIO LOPES

**AUTORES /// AUTHORS**

ANA PATRÍCIA MAGALHÃES · ANTÓNIO M. MONGE SOARES · CAROLINA GRILO

CLÁUDIO TORRES · FERNANDO BRANCO CORREIA · INÉS VAZ PINTO · JOÃO ANTÓNIO

MARQUES · JOÃO PEDRO ALMEIDA · JOÃO PEDRO BERNARDES · JORGE DE ALARCÃO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO · JOSÉ GONÇALO VALENTE · M. JUSTINO MACIEL · MANUEL

LUÍS REAL · MARIA MANUELA ALVES DIAS · MÉLANIE WOLFRAM · PATRÍCIA BRUM

SANTIAGO MACIAS · SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ · TOMÁS CORDERO RUIZ

VANESSA GASPAR · VIRGÍLIO LOPES

**DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN**

TVM DESIGNERS

**TRADUÇÃO /// TRANSLATION**

ESBN CONSULTING LDA.

Tradutor / Translator: BERNARDO DE SÁ NOGUEIRA

Revisora / Proof reading: ERICA DE SÁ NOGUEIRA

**IMPRESSÃO /// PRINTING**

GRÁFICA MAIADOURO

ISBN 978-972-9375-45-3

DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT 385759/14

TIRAGEM /// PRINT RUN 1000

**CD-ROM**

ENTRE ROMA E O ISLÃO · PROJECTO DE ESTUDO E VALORIZAÇÃO  
DO PATRIMÓNIO DA ANTIGUIDADE TARDIA NO ALENTEJO  
BETWEEN ROME AND ISLAM · RESEARCH AND ENHANCEMENT PROJECT  
OF THE LATE ANTIQUITY HERITAGE IN THE ALENTEJO

**COORDENAÇÃO /// CO-ORDINATION**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ · VIRGÍLIO LOPES · SANTIAGO MACIAS

**PRODUÇÃO /// PRODUCTION**

TERRACULTA, CONSULTORIA, PRODUÇÃO E GESTÃO CULTURAL, LDA.

ISBN 978-972-9375-46-0

TIRAGEM /// PRINT RUN 1000

**EDIÇÃO /// EDITION**



**PARCERIA /// PARTNERSHIP**



Centro de  
Estudos  
Arqueológicos  
das Universidades de  
Coimbra e Porto

**INVESTIGAÇÃO /// RESEARCH**



Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
reconhecida em 2009

**CO-FINANCIAMENTO /// CO-FINANCING**



QUADRO  
DE REFERÊNCIA  
ESTRATÉGICO  
NACIONAL  
2007-2013



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



Sociedade e  
cultura em  
*Pax Ivlia,*  
através da  
epigrafia

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> CEAUCP – Coimbra

APESAR DE HAVER A FIRME CONVICÇÃO de que as mais significativas inscrições da colónia de *Pax Iulia* jazem, ainda hoje, em reutilização nos edifícios da cidade, o que já foi identificado permite-nos concluir ter sido a sua população constituída por famílias cultas, directamente ligadas aos colonos iniciais, enriquecidas com o comércio, a produção agrária e a mineração.

As manifestações religiosas de que as epígrafes são testemunho confirmam esse panorama exógeno instalado.

Para sabermos da sociedade romana de *Pax Iulia* e das suas manifestações culturais os monumentos epigráficos continuam a constituir fonte primordial, ainda que, apesar da aturada investigação feita e em curso, o número dos que se conhecem ainda continue escasso, se atendermos à grande importância que – não há dúvida – a cidade deteve.

Por essas epígrafes ficamos a saber quem foram os habitantes, mormente os notáveis e seus familiares; e, directa e indirectamente, como se posicionavam perante os seus concidadãos. As inscrições eram, na verdade, colocadas onde se vissem e se lessem e todos os pretextos eram facilmente invocados para as mandar gravar; daí o seu real interesse histórico-cultural.

## I. DUAS COMUNIDADES

Quando, em 1984, se apresentou, pela primeira vez, o estudo global das inscrições romanas achadas na cidade e no que se supunha ser o seu perímetro de influência,<sup>2</sup> concluiu-se pela existência de uma população pré-romana, não apenas porque uma inscrição (IRCP 233) era susceptível de se interpretar como referindo dois senados, um indígena e outro romano, mas também porque a onomástica dava conta de uma forte simbiose.

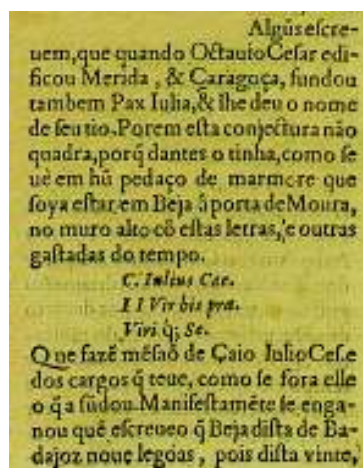
Valerá a pena voltar a essa epígrafe, cuja primeira menção é dada por Frei Amador Arrais (1604, 109) e de que nenhum autor seguinte teve conhecimento directo. Pode ser que venha a reencontrar-se, pois que Amador Arrais é muito claro [FIG. 1]: «[...] um pedaço de mármore que soía estar em Beja à porta de Moura no muro alto, com estas letras e outras gastadas do tempo». Ou seja: «soía estar», mas... já não estava! Alguém o teria tirado. Interessa, no caso vertente, não apenas o texto que o bispo apresenta, mas também a interpretação que dele dá no contexto do seu raciocínio. A frase pertence ao diálogo quarto, que trata «da glória e triunfo dos Lusitanos», e vem no capítulo VI, em que os interlocutores discutem das «colónias de Lusitânia e de sua fundação». A discussão prende-se, neste passo, com saber de quem partiu a iniciativa da fundação de *Pax Iulia*, se de César, se de Octávio:

«[...] Alguns escrevem que quando Octávio César edificou Mérida e Saragoça fundou também Pax Iulia e lhe deu o nome de seu tio. Porém, esta conjectura não quadra, porque dantes o tinha, como se vê em um pedaço de mármore [...]».

Fig. 1

Reprodução da página 109 da obra de Frei Amador Arrais.

Reproduction of page 109 of Frei Amador Arrais's work.



<sup>2</sup> IRCP = ENCARNACÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984, p. 293-440.

Transcreve o texto e explica que essas letras «fazem menção de Caio Júlio César e dos cargos que teve, como se fora ele o que a fundou».

Antes de se voltar à epígrafe, diga-se que, na continuação, a problemática abordada nesta passagem do diálogo é a de Beja não poder confundir-se com Badajoz, como queriam autores castelhanos, aduzindo-se, para mostrar a importância da cidade no tempo dos Romanos, não apenas a dedicatória a Lúcio Vero (IRCP 291), mas também o *terminus augustalis* entre Eborenses e Pacenses, que André de Resende teria visto em Oriola.

A cópia que Amador Arrais apresenta é, como se vê, muito clara:

C. Iulius Cae.  
I I Vir bis praë.  
Viri 'q; Se

Propus a seguinte reconstituição:

C(*aius*)·IVLIVS·C(*aii*)·F(ilius) [...] / II·VIR (*duumvir*)·BIS·PRAE[F(ectus)]·FABRVM?  
/ [...] VTRIQVE·SEN[...] / [...]

E comentei:

«[...] Parece haver referência a um magistrado municipal: depois de ser duúviro por duas vezes, foi decerto prefeito dos artífices. A l. 3 e seguintes indicavam quiçá os beneficiários de qualquer empreendimento levado a cabo por Gaio Júlio.

Efectivamente, de acordo com a sugestão de Hübner – *populo utriusque sexus* – estaríamos perante mais um caso de evergetismo: o magistrado poderia ter distribuído benesses à população de ambos os sexos, facto a assinalar, pois que raramente as mulheres eram beneficiárias desses gestos, por isso que era devidamente referido nos textos. Gallsterer é, porém, doutra opinião: considerando possível a existência de dois tipos de ordens ou assembleias de notáveis, sugere que *G. Iulius* poderia ter pertencido ou presidido *utrique sen(atui)*, hipótese mais condizente com as versões mais antigas do texto».<sup>3</sup>

Em nota, acrescentei (p. 307):

«Poderia ter existido, em determinado momento, um senado para o estrato populacional indígena e outro para o estrato romano, gozando ambos de estatuto próprio. Em *Valentia*, havia a comunidade dos *Veterani* e a dos *Veteres*; em Córdoba, a existência dos *forenses* e dos

<sup>3</sup> Perdoar-se-me-á se, para aqui aligeirar o texto, eu remeta para as informações bibliográficas indicadas em IRCP (p. 307).

*Hispani* teria, segundo Knapp (*Roman Cordoba* 1983 13-14), essa explicação. No entanto, não se registou ainda, na epigrafia destas cidades, qualquer referência a dois senados».<sup>4</sup>

Trata-se, na verdade, de um tema aliciante e que se porá, decerto, em relação a todas as colónias romanas: foram criadas *ex novo* ou já lá havia população? Se havia indígenas minimamente organizados, como se compreende, de que modo se processou, do ponto de vista administrativo, a junção ou o modo de funcionamento de ambas as comunidades? Aliciante, sim; contudo, não pode aduzir-se, a meu ver, esta epígrafe, não só porque a não reencontrámos e não podemos, assim, resolver as dúvidas de interpretação, mas também porque o texto dado por Amador Arrais é demasiado curto para justificar as elucubrações que suscitou. Certo é que a epígrafe (a ter existido) não se referirá a Júlio César, mas sim a um notável municipal da *gens Iulia* e o que Arrais lê como *Caesar* é ou a filiação, como aventei, ou a menção da tribo *Galeria Viri* (da linha 3) será mais consentâneo com a referência a um cargo, até porque, tendo o mármore sido reutilizado no ‘muro alto’ das portas de Moura, nos sugere estarmos perante uma epígrafe de carácter monumental mais do que honorífico. Com esse carácter honorífico se prenderia o gesto benemerente que houvesse contemplado cidadãos de ambos os sexos, de que há outros testemunhos, como oportunamente indiquei e como Mireille Corbier (2005, 354-356) também assinalou, sobretudo em relação à Península Itálica.

Na ampla ‘recensão’ que fez à minha dissertação (elaborada sob sua orientação) e que constituiu, na quase totalidade, a reflexão que tivera ensejo de fazer na Sala dos Capelos, a 6 de Novembro de 1984, o Doutor Jorge de Alarcão chamou a atenção para a ‘particular importância’ que esta epígrafe detinha (1985, 109), se a considerássemos testemunho da existência de duas assembleias: «uma seria a assembleia dos cidadãos romanos; outra, a da população indígena que Júlio César teria estabelecido na cidade». Sugere, porém, que «a epigrafia funerária pacense não permite confirmar» essa hipótese, por ser «extremamente reduzida» a percentagem de «lápides funerárias de cidadãos», mormente porque «é extremamente reduzido, em Beja, o número de *nomina* ou *cognomina* cuja origem itálica seja indiscutível». Quiçá, porém, invoca, também se possa ter em conta que os cidadãos, proprietários de *villae* nos arredores da cidade nelas teriam sido sepultados, ou que ainda jazem os seus epitáfios (gravados em placas ou em aras) reutilizados nas construções urbanas actuais, reutilização mais fácil do que a das cupas sob que foram sepultados os libertos.

Conhecemos hoje melhor a onomástica da população pacense, de modo que, na verdade, esse argumento de menor percentagem de elementos claramente itálicos – colonos ou directamente descendentes de colonos, portanto – pode ser de menor valia. Há, de facto, uma onomástica alheia à Península Ibérica, a identificar, mui verosimilmente, colonos, que assumiram, como era, de resto, expectável, uma posição de liderança, fortemente apoiados por uma rede de

<sup>4</sup> No que concerne a *Valentia*, já tive oportunidade de voltar a mostrar o paralelismo entre as duas comunidades (2011, 93-96).

clientelas que cedo souberam criar: os libertos e os escravos, que não têm pejo em como tais se apresentar, o que denota claramente a boa posição social que ocupam, não obstante o estatuto social de que usufruem; e os «amigos», seguramente incluídos num estreito e influente conjunto de relações sociopolíticas e económicas.

Também a religião, designadamente através dos cultos místéricos, exerceu aqui o seu relevante papel, pelas cumplicidades que determina e pelo secretismo que envolve as cerimónias de iniciação. Nesse âmbito, assume particular destaque a referência ao *sodalitium Bracarorum* (IRCP 339), apesar de o demasiado desgaste da superfície epigrafada nos impossibilitar uma interpretação indubitável. De facto, se pensarmos que, na zona das explorações mineiras (Garvão, Ourique) a que seguramente muito ficou a dever a prosperidade de *Pax Iulia*, a família de *Ladronus, Dovai filius*, não hesitou em mencionar no seu epitáfio que ele é *Bracarus castello Durbede* (IRCP 122), tal significa que a comunidade de Brácaros – como outras, decerto – aqui se afirmaram e amplamente usufruíram do cosmopolitismo próprio de uma capital de *conventus*.<sup>5</sup>

E a ideia de Jorge Alarcão relativa a serem colonos os proprietários das *villae* dos arredores ganhou, sem dúvida, consistência quando, por exemplo, se encontrou, na Herdade da Fonte dos Frades (freguesia de Baleizão), um bloco irregularmente paralelepípedo [FIG. 2], «apenas alisado na face que ostenta a inscrição», destinado sem dúvida «a ser incrustado no frontispício do monumento funerário, deixando à mostra somente a zona epigrafada» (Alfenim e Encarnação, 1997). Seria o jazigo de família; e o único nome nele patente era o de *C. Cosconius C. f.*, cidadão inscrito na tribo Galéria, que foi a de *Pax Iulia*. Datámo-lo – pelo tipo de letra e pela ausência de *cognomen* – «dos finais do século I antes da nossa era», o que estava de acordo com os testemunhos conhecidos da *gens Cosconia* e não hesitámos em integrá-lo «na primeira leva de colonos itálicos de *Pax Iulia*».

É, pois, neste contexto metodológico que pode trazer-se à colação o epitáfio de *Asinia Priscilla*, descoberto em Moura e publicado por Rafael Alfenim em 1988 [FIG. 3]. *Priscilla* vem aí identificada como PAC · C · R. Desdobrar PAC em PAC(*ensis*) não pareceu nada problemático. As siglas C e R é que levantavam dúvidas: C(*oniux?*) R(*arissima?*), ainda que pouco frequente, era uma hipótese, mormente se interpretássemos as siglas da l. 6 como A(*sinius*) H(*onoratus?*) V(*xori*) P(*iissimae*) P(*onendum*) C(*uravit*) – e a sugestão foi aceite em HEP 2, 1990, 758 e também pelo editor de AE 1989 370, que não hesitou, porém, em comentar: «Texte surprenant



**Fig. 2**  
A placa do jazigo da família Coscónia encontrada na Herdade da Fonte dos Frades.  
Plaque of the Cosconia family mausoleum, found at the Herdade da Fonte dos Frades estate.

<sup>5</sup> Sobre esta epígrafe e a localização deste *castellum*, veja-se também ALARCÃO 2004, p. 204-205.



Fig. 3

Epitáfio de Asínia Priscila, achado em Moura.

Epitaph of Asinia Priscilla found in Moura.



dont le déchiffrement semble aléatoire à partir de la ligne 4 en raison des abréviations».

Haveria assim, de facto, invulgar repetição de epítetos laudatórios e, por isso, Alfenim escreveu:

«Nesta inscrição é ainda de salientar a indicação expressa da naturalidade da defunta. É aliciante a hipótese de, na l. 4, interpretarmos PAC(e) C(ivium) R(omanorum) ou mesmo PAC(ensis) C(ivis) R(omana), a indicar que Priscila seria natural de *Pax Iulia* com estatuto de cidadania romana – ela e o agregado populacional donde provinha. O inusitado da expressão, sem paralelos nossos conhecidos, leva-nos, no entanto, a apresentá-la com reservas».

Poderá situar-se Moura na Betúria Céltica e, por isso, Alicia M.<sup>a</sup> Canto também a incluiu no seu livro (1997, inscrição n.º 182, p. 153-154). Concorda com a primeira proposta de Rafael

Alfenim, sem a colocar em termos de dúvida e acrescenta: «Luego Encarnación lo hizo como *c(ivis) R(omana)*, pero parece redundante, pues ya lo implica el ser *Pacensis*. M. M. Alves Dias vuelve en 1991 a la idea de *coniux*. También tiene razón *AE* cuando advierte que, a partir de lín. 4, por exceso de abreviaturas, los desarrollos son algo aleatorios. Otro *origo Pacensis* en el concelho de Moura, n.º 173».<sup>6</sup>

Não tivera Alicia Canto possibilidade, creio, de conhecer o estudo mais desenvolvido que eu fizera em 1990<sup>7</sup> e julgo, por consequência, que valerá a pena retomar os argumentos então apresentados. É que optei pelo desdobramento *Pac(ensis) c(ivis) R(omana)*. E a pergunta punha-se: porquê identificar-se como *Pacensis*, se no *ager Pacensis* se encontrava? É que não é simplesmente *Pacensis*: é *Pacensis civis Romana*, porque, deduzi eu, poderia ser *Pacensis* e não ter a cidadania! Ou seja, havia uma distinção a fazer, porque, do ponto de vista social e administrativo, essa diferenciação existia!

<sup>6</sup> Observe-se que a 'redundância' apontada por Alicia Canto acaba por verificar-se, ainda que numa plataforma um tudo-nada diferente, na circunstância de haver mais gente a vincar, no termo da actual Moura, a sua pertença a *Pax Iulia*.

<sup>7</sup> Tive agora oportunidade de disponibilizar *on line* – em <http://hdl.handle.net/10316/20763> – esse estudo sobre a epigrafa de Moura, a que, aliás, HEP 4, 1994, 998, também se referira.

Estava, desta sorte, confirmada a existência da dupla comunidade de que se suspeitara: a dos cidadãos e a dos indígenas. E hoje podemos afirmar que os dados arqueológicos amplamente ratificaram essa dualidade (ENCARNAÇÃO 2011, 93-96).

## 2. MANIFESTAÇÕES DE CULTURA

Se a análise onomástica e, de um modo geral, o conteúdo dos textos epigráficos permitem ajuizar do estatuto social da população, são igualmente as epígrafes manancial eloquente no que respeita ao grau de cultura de que essa mesma população dá mostras.

Dentre os significativos testemunhos que o conjunto da epigrafia pacense nos proporciona selecionei três: um no domínio das manifestações religiosas, eloquente no texto e na tipologia; o segundo, por ser passível de se prender com uma problemática candente entre os investigadores: houve, ou não, um teatro em Beja? Finalmente, relancearemos o olhar por um tipo de decoração que não pode passar despercebido, atendendo às ilações de índole cultural que dele hão-de deduzir-se.

### 2.1. IRCP 229 [FIG. 4]

Escolho este monumento porque não lhe tem sido dada, em meu entender, a devida importância. Trata-se de um hermes, ou seja, de uma coluna quadrangular prismática, de mármore de Trigaches, destinada a sustentar o busto ou simplesmente a cabeça de uma personagem. A função é, de facto, a de pedestal; todavia, a grande diferença reside no contexto original, pois não tem o hermes o carácter público de um pedestal: destina-se a ser colocado em ambiente doméstico, no peristilo ou mesmo na zona de larário da casa, pois que, de certo modo, essa homenagem se encontra imbuída de uma atmosfera religiosa não despendida.

Isso mesmo acontece com o monumento de Beja dedicado por dois escravos, Primogene e Félix, ao espírito divinizado (Juno) da sua senhora, Secunda: *Iunoni / Secundae n(ostrae) / Primogene / et Felix ser(vi)*.

O rol dos 26 hermes documentados na Hispânia (cf. PORTILLO *et alii*, 1985, que se referem a IRCP 229 nas p. 203-204) confirma o seu carácter excepcional e, conseqüentemente, um nível de aculturação latina bem acima da média, o que, no caso vertente, se evidencia se tivermos em conta que, também em mármore de Trigaches, se identificou na cidade, mais concretamente em reutilização no Palácio dos Infantes, em 1894, outro hermes, este dedicado pelos *publici liberti* – os libertos públicos – ao cidadão Décimo Júlio Saturnino.

Note-se, no primeiro caso, como é cativante a singeleza da dedicatória, a que a junção do possessivo *nostrae*, numa imitação clara do formu-

Fig. 4

IRCP 229: «hermes» em honra da Juno de Secunda.

IRCP 229: herm pillar dedicated to Secunda's Juno.



lário usual na designação dos escravos imperiais – *Caesaris n(ostr)i servus* –, empresta ainda maior fulgor, a indiciar particular convivialidade. No caso de Décimo, a homenagem é prestada seguramente pelos que, sendo escravos ao serviço da cidade quando nela exerceu funções,<sup>8</sup> dele mereceram a honra de serem libertados – e por isso lhe agradecem.

Em ambos os monumentos fica patente, pois, um grau cultural bastante fora do comum, de que, aliás, como se disse, outros testemunhos poderíamos aduzir, como, apenas a talhe de foice, neste domínio do relacionamento social entre senhores e servos imbuído de religiosidade, o exemplo do escravo *Catulus*, que mandou esculpir árula votiva à deusa *Salus pro Gaiio Atilio Cordo nostro* (IRCP 290). O monumento foi identificado na importante *villa* de Pisões, o que vem na sequência do raciocínio atrás expandido de que os colonos teriam as suas *villae* nos arredores da cidade. Aqui, para além da dedicatória a uma divindade bem romana e bem integrada no quotidiano das gentes, assinala-se de novo o uso do possessivo. Creio que nenhuma cidade da Lusitânia romana se poderá orgulhar de possuir tantos documentos epigráficos (relativamente falando, entende-se) com tamanha relevância sociológica.

## 2.2. IRCP 247

Foi dado a conhecer por Frei Manuel do Cenáculo, através de desenho constante no seu álbum,<sup>9</sup> o fragmento de uma placa funerária [FIG. 5], onde se lê o seguinte (apresento a leitura interpretada):

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / PATRICIVS / EXODIARIVS / ANNORVM / [...]

Reflecti sobre a epígrafe e dei dela a seguinte tradução:

*Consagrado aos deuses Manes. (Aqui jaz) Patrício, actor, de ... anos. [...]*

Analisando o desenho de Frei Manuel do Cenáculo, comentei, acerca da leitura do *cognomen* de *Patricius*, que Emílio Hübner (CIL II 65) o interpretara como [E]XOD[IA]RIVS, embora, à primeira vista, se leia, de facto, IXODINPIVS (com NP em nexu):

«Efectivamente, no desenho de Cenáculo, da primeira letra resta a metade inferior: uma haste vertical com vestígio da barra mediana – poderá ser, portanto, um E cuja barra infe-

<sup>8</sup> A existência de uma outra epígrafe (IRCP 306) mencionando um seu homónimo leva-nos a pensar que poderemos estar em presença da mesma pessoa, certamente um notável municipal.

<sup>9</sup> O arcebispo de Évora foi meticoloso desenhador das peças que ia ajuntando: nesses seus desenhos podemos confiar, uma vez que, comparando-os com os monumentos existentes, se verifica a maior fidelidade mesmo aos mais imperceptíveis pormenores; daí que, em relação aos objectos arqueológicos que desenhou, nomeadamente inscrições, nós possamos garantir que o erro será mínimo, tão grande foi o rigor com que tudo registou. O seu álbum religiosamente guardado na Biblioteca Pública de Évora constitui, por isso mesmo, uma importante fonte histórica, como já tive ensejo de o salientar (ENCARNAÇÃO 2010, 47). Ainda que não haja abordado especificamente esse aspecto, o artigo de Rui Morais (2009) proporciona uma boa perspectiva da singular actividade de Frei Manuel do Cenáculo como prelado e como humanista.

rior estivesse pouco nítida; os AA não são traçados, pelo que a letra após o primeiro I pode ser A com a haste da direita bastante prolongada, chegando a tocar a letra seguinte que também poderá ser R – parece-nos ver a haste oblíqua inferior; do S final distingue-se a terminação de baixo».

Atendendo à referida habitual precisão de Frei Manuel do Cenáculo, a proposta de interpretação é viável e só há que esperar que o fragmento se reencontre para melhor podermos ajuizar da sua viabilidade. Em todo o caso, não é invulgar o termo indicativo de uma profissão vir a ser integrado como antropónimo na designação de uma pessoa,<sup>10</sup> poderia pensar-se que a tradução mais correcta seria, não a que eu propus, mas sim *Patricio Exodiário*, funcionando a palavra como *cognomen*. Neste caso, porém, afigura-se-me que não, atendendo a que não há *praenomen* e *Patricius* usado isoladamente se adequa a uma utilização como nome único e não como *nomen*, indiciando estatuto de escravo.<sup>11</sup> Estaremos, pois, mui provavelmente, em presença de um exodiário, o que acrescenta à população de *Pax Iulia* um nível cultural de veras significativo.

Na verdade, quanto me é dado saber, apenas mais uma referência explícita a um *exodiarius* se registará no conjunto da epigrafia imperial: trata-se de uma célebre inscrição em verso, de Roma (CIL VI 9797), datada do ano 126, em que (se bem a interpreto) Urso se vangloria das suas façanhas, sublinhando, nas linhas 19 e 20: «nec semel sed saepius cuius libenter dicor exodiarius», «não é uma só vez mas amiúde que de muito boamente sou chamado exodiário».<sup>12</sup>

Também não serão frequentes as referências literárias ao *exodium*, pequena peça, do jeito de uma farsa, que finalizava, completando-a graciosamente, uma representação teatral. No *Oxford Latin Dictionary* (s. v. *exodium*), alude-se a uma passagem da *Vida dos Doze Césares*, de Suetónio, concretamente no final do capítulo XLV referente ao imperador Tibério, em que se faz lúbrica citação de uma «atelana», remetendo, pois, para as então chamadas *exodia Atellanica*. E, na verdade, se dificilmente encontraremos ‘exódio’ num dicionário de língua portuguesa, «atelanas» está consignado como «farsas populares em uso entre os antigos Romanos». É ainda em Suetónio, na vida de Domiciano (x, 4), que se lê: «Occidit et Helvidium filium, quasi scaenico exodio sub persona Paridis et Oenones divortium suum cum uxore taxasset» («Mandou matar também Helvídio filho, com o pretexto de que numa representação intitulada *Paris e Oenone* censurava o divórcio do príncipe»).



Fig. 5

O desenho que Frei Manuel do Cenáculo apresentou do epitáfio de Patricius.

The drawing made by Frei Manuel do Cenáculo of the epitaph of Patricius.

<sup>10</sup> O apelido Albardeiro derivou de um dos membros da família como tal se ter notabilizado, o mesmo se podendo dizer de Torneiro ou Alfaiate...

<sup>11</sup> Remeto para KAJANTO 1982, 313, que inclui este antropónimo entre os cognomes, informando que, na Península Ibérica, no conjunto do CIL, há 8 testemunhos em 20. Esse estatuto servil parece ter sido também o dos três *Patricii* da necrópole de Quinta de Marim (Olhão): IRCP 49 e 50.

<sup>12</sup> Esta inscrição é frequentemente citada, desde há muito. Veja-se, a título de exemplo, que já vem comentada no livro de Grifi de 1847, p. 28-29.

Sirva-nos este pequeno excursão de aperitivo para uma conclusão: caso, como parece, *Patricius* foi *exodiarius*, à população de *Pax Iulia* terá mesmo de atribuir-se um estatuto cultural deveras elevado, se atendermos às características atrás citadas dos exódios: pequenas peças, de algum sabor irónico e crítico, destinadas a transmitir ao espectador forte dose de boa disposição. Aliás, isso mesmo se pode depreender da seguinte explicação, a propósito de uma sátira de Juvenal (III, 175), aduzida por Grifi (p. 27):

*Exodiarius apud veteres in fine ludorum intrabat, quod ridiculus foret; ut quidquid lacrymarum atque tristitiae coegissent ex tragicis affectibus, huius spectaculi risus detergeret.*

O que, em tradução livre, quer dizer o seguinte:

«Entre os antigos, o exodiário entrava no final das peças, para ser ridículo; a fim de que, se trágicos sentimentos tivessem provocado lágrimas e tristeza, o riso deste espectáculo as fizesse desaparecer».

Continua a pensar-se que, com muita verosimilhança virão, um dia, a encontrar-se, sob os edifícios urbanos, os restos do teatro romano. Não era obrigatório que o exodiário necessitasse de um palco formal para representar as suas pantomimas (passe o termo); mas não restam dúvidas de que, a ser correcta a interpretação que vimos dando a esta epígrafe, o seu testemunho reforça substancialmente essa realidade.<sup>13</sup>

### 2.3. UMA «ESTRANHA» DECORAÇÃO

É raro as cupas de *Pax Iulia* apresentarem decoração.<sup>14</sup> Há, contudo, IRCP 308, em que, num dos topos, identifico agora uma folha de feto (*Pteridium aquilinum*, L.), de folículos enrolados [FIG. 6], de que encontro paralelo no gracioso capitel achado nas reservas do Museu de Faro e que, mui provavelmente, terá vindo da Quinta de Marim (ENCARNAÇÃO 2006 – FIG. 7), feto que, apresentando-se sempre de folhagem persistente e viçosa, pode bem representar uma esperança no futuro, numa existência que continuamente se renova, símbolo de perenidade. Ora, essa decoração não é alheia à de estelas funerárias identificadas nas províncias romanas de *Africa*.



Fig. 6

IRCP 308: cupa com decoração de um ramo de feto no topo.

IRCP 308: cupa decorated with fern branch on top.

<sup>13</sup> Ceballos Hornero também inclui esta epígrafe no seu livro: p. 383-384 (inscrição n.º 66). Cita a opinião de Mariner, segundo a qual *Patricius* poderia ter actuado com o seu grupo pela Península Ibérica, acabando por morrer em *Pax Iulia*; isso é prova, conclui, que havia aí um teatro, tal como, aliás, cita, é opinião de Hauschild de que «pelo menos em cada capital conventual haveria um teatro permanente onde a população poderia assistir regularmente à representação de *ludi*».

<sup>14</sup> Sobre este tipo de monumento houve oportunidade de se organizar uma reunião científica, em que procurei fazer o ponto da situação acerca do significado das cupas no *conventus Pacensis*: Encarnação 2012.



**Fig. 7**

Um capitel decorado com báculos de feto (Museu de Faro).

Capital decorated with fern crosiers (Faro Museum).



**Fig. 8**

IRCP 351: a estela de Hispallus.

IRCP 351: the Hispallus stele.

Acontece, porém, que parece ter passado despercebida a estela IRCP 351, cuja exacta proveniência se desconhece mas que, até por ser de mármore de Trigaches, será seguramente do termo de *Pax Iulia*. Reza o seguinte a sua inscrição [FIG. 8]:

HISPALLVS / BOCCHI SER(*vus*) / ANNOR(*um*) III (*trium*) / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*)  
T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*) / EVHODVS F(*ecit*)  
Aqui jaz Híspalo, escravo de Bouco, de três anos. Que a terra te seja leve. Euodo fez.

Sendo inscrição inédita, foi inserida em AE 1984 462, cujo editor apenas comenta: «Onomastique connue. Datation difficile».<sup>15</sup> E, segundo creio, para além da natural integração também em <http://eda-bea.es/> (No. de registro. 23706), ninguém parece ter-se preocupado com a estela, que, a meu ver, merecerá mais do que o comentário que inseri na p. 427 de IRCP: «O texto interessa pela onomástica que apresenta», porque, por exemplo, *Hispallus*, que Kajanto crê ser equivalente a *Hispanus*, tem escassíssima representação.

<sup>15</sup> A frase «datation difficile» faz-se eco do que eu escrevi: «Falham, aqui, os habituais critérios de datação: a ausência da invocação aos Manes pode ser mais um índice cultural-religioso que cronológico – os escravos não tinham antepassados, não tinham família; a simplicidade do formulário ocultará decerto mais uma modéstia, uma «homenagem envergonhada» do que a concisão espartana da clássica linguagem epigráfica».



*Bocchus* é, hoje, um *cognomen* mui célebre, devido aos *Cornelii Bocchi* lusitanos (ver CARDOSO E ALMAGRO-GORBEA 2011). Não vamos ao ponto de obrigatoriamente relacionar este *Bocchus* com os dos estuários do Tejo e do Sado; no entanto, nada nos impede de o fazer, pois se trata «certamente de um proprietário ou um burguês municipal». Conhecida, como hoje está, a importância política, social e económica dos *Bocchi*, a possibilidade de – através de seus libertos e escravos – terem actuado em *Pax Iulia* pode não ser despreciada. Elucubração será; certo é, porém, que quem erige o epitáfio (expressamente escreve «fecit»...) é um *Eubodus*, que, pela onomástica e por o defunto ter apenas três anos (aspecto não menos digno de ser tido em consideração), será seu pai e escravo do mesmo senhor. Só aparentemente é que *Bocchus* ficou na sombra, portanto.

E talvez não venha igualmente a despropósito reter que a ocorrência do antropónimo *Hispallus* poderá merecer mais atenção do que eu lhe pude dar, no contexto de IRCP.

Releiamos, pois, Kajanto.

«Barbaric ethnics appear as the cognomina of the Roman nobility only after the peoples had come into the Roman sphere of influence: *Hispallus* is recorded 176 B.C. [...]» (nota na pág. 49). Na p. 125, no âmbito da explicação dos diminutivos e sua formação, dá como exemplos da ocorrência de poucas transformações fonéticas «the republican names *Atellus* (*Ater*) and *Hispallus* (*Hispanus*) [...] explainable as from *Atr(e)los* and *Hispan(e)los*». Será, todavia, na p. 199, no quadro dos *cognomina* etimologicamente formados a partir de topónimos, que vem a explicação da opinião atrás expendida: cita *Gnaeus Cornelius Scipio Hispallus*, que assumiu o consulado em 176 a.C. (PIR IV p. 90) e esclarece, citando Reichmuth (p. 54), que «his father fought and was killed in Hispania, and may been called *Hispanus*». Kajanto refere depois que *Hispallus* ocorre em CIL X 5588 (Campania);<sup>16</sup> que se regista um *Hispalus* em CIL XI 6193;<sup>17</sup> e sobre *Hispala Faecenia*, «a famous courtesan 186 B.C. (RE 6, 2097)», afirma: «Probably has an old women's praenomen» – o que, na verdade, não se me afigura ter uma justificação clara, se se tiver em conta o que acerca desta influente cortesã escreve Victoria Emma Pagán (p. 61):

«Originally a Spanish slave from *Hispalis* (now Seville), she took the name of her patron upon manumission».

Era o que eu suspeitara: a interpretação de Kajanto, ainda que engenhosa, não é aceitável. Não vamos garantir que a atribuição do nome indique obrigatoriamente proveniência geográfica; no caso vertente, porém, cremos haver fortes probabilidades de assim se documentar também uma relação entre *Pax Iulia* e *Hispallis*, na Bética, a mostrar o mais amplo cosmopolitismo verificado na população pacense. Aliás, o relacionamento com a Bética, mormente

<sup>16</sup> Trata-se de L. Pomponius [...] *Hispallus*, um dos duúvirov relacionados com obras num aqueduto (o outro é L. *Candilius*...).

<sup>17</sup> No termo de *Ostra* (Regio VI). Identifica o proprietário (ou o fabricante) de uma lâmina de chumbo com 80 libras de peso: L. *Caruli*. L. f. *Hispali*. *Men(enia tribu)*.

através de *Myrtilis*, não é de estranhar, haja em vista que, em *Mirobriga*, se regista homenagem privada a um *adlectus italicensis* (IRCP 151). Mas de que relação estaremos a falar, se *Hisपालlus* não passa de um escravo de três anos?!... De um índice cultural, sem dúvida, ainda que a possibilidade de *Euhodus* ter vindo de *Hisपालis* e daí ter assim identificado a criança não seja também de enjeitar.<sup>18</sup>

E, chegados a este ponto, poderemos voltar a ler a descrição da peça (IRCP p. 426):

«No arranque do frontão, duas rosetas (quadripétalas?), uma de cada lado; ao centro, uma decoração geométrica; partem dum eixo, como braços, em relevo, elementos em voluta, de certo modo semelhantes à decoração da cupa 308 e que recordam os palmitos que decoram a ansa triangular de certas lucernas de Cartago». Concluía: «No conjunto, toda uma tipologia estranha à região e plena de ternura para um epitáfio de criança». E acrescentava, na página seguinte: esta epígrafe é «uma obra de arte, porventura inspirada em modelos noutras paragens observados» e, com ela, *Euhodus* «mostra não só o seu gosto estético mas também o seu carinho: pois não será apenas por motivos económicos que ele próprio se apresenta como o artífice do epitáfio...».

Foi a análise do fragmento de capitel de Faro (ENCARNAÇÃO 2006) e a extraordinária semelhança do motivo vegetalista (o feto) patente nesses três monumentos – o capitel, a cupa e a estela – que me alertou para a possibilidade da sua interpretação como documento de efetivo intercâmbio cultural, que acompanhava, naturalmente, o intercâmbio económico e social.

## EM CONCLUSÃO

Muitos outros aspectos da epigrafia pacense poderiam, logicamente, invocar-se para demonstrar que a capital do *conventus Pacensis* recebeu, em todos os tempos, influências dos mais variados horizontes; nunca foi – nem poderia ser! – uma cidade isolada do resto do mundo romano! E se a presença de tantos libertos e escravos – que, repita-se, não têm pejo em como tais se apresentarem, pois são pertença de famílias bem posicionadas na sociedade pacense – é sintoma de uma dinâmica social bem estruturada, a conclusão que, no âmbito estético-cultural, pode tirar-se de monumentos epigráficos como os que ora analisamos vem complementar amplamente esse enorme cosmopolismo de que sempre deu acabadas provas. Os monumentos arquitectónicos já descobertos e os que estão em vias de ser postos à luz do dia eloquentemente o confirmarão.

<sup>18</sup> Antropónimo de etimologia grega – relacionável, mui provavelmente, com o verbo «euodúmai» [ευοδοῦμαι], «conseguir», «chegar a bom termo» – *Euhodus* tem menos de uma dezena de testemunhos na epigrafia hispânica; é, porém, comum no *corpus* epigráfico de Roma (cf. Solin 1982, p. 852-854).



## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO (Jorge de), «Sobre a romanização do Alentejo e Algarve. A propósito de uma obra de José d'Encarnação», *Arqueologia* 11 1985 99-111.
- ALARCÃO (Jorge de), «Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – II», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7(2) 2004 193-216. Acessível em: [http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesearqueologia/7\\_2/11.pdf](http://www.igespar.pt/media/uploads/revistaportuguesearqueologia/7_2/11.pdf)
- ALFENIM (Rafael A. E.), «Uma ara funerária do Castro dos Ratinhos (Moura)», *Ficheiro Epigráfico* 26 1988 n.º 118. Transcrito em: <http://www.eda-bea.es/>, registo n.º 22 777.
- ALFENIM (Rafael A. E.) e ENCARNANÇAÇÃO (José d'), «Placa funerária da Herdade da Fonte dos Frades», *Ficheiro Epigráfico* 56 1997 n.º 259. Transcrito em: <http://www.eda-bea.es/>, registo n.º 20841.
- ARRAIS (Frei Amador), *Diálogos*, Lisboa, 31846. [As pp. 244-247 foram transcritas no *Arquivo de Beja* II 1945 p. 300-301, sob o título «A “Colonia Pax Iulia”»]. Consultei a 2ª edição, que está disponível em <http://purl.pt/14115/1/> e que tem como título *Dialogos de Dom Frey Amador Arraiz, bispo de Portalegre: revistos, e acrescentados pelo mesmo Autor nesta segunda impressão*, que foi em Coimbra, no ano de 1604, «na oficina de Diogo Gomez Loureiro, impressor da Universidade».
- CANTO (Alicia Mª), *Epigrafia Romana de la Beturia Céltica*, Madrid, 1997.
- CARDOSO (João Luís) & ALMAGRO-GORBEA (Martín) [eds.], *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS – Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina* [Colóquio Internacional de Tróia, 6-8 de Outubro de 2010], Academia Portuguesa de História e Real Academia de la Historia, Lisboa – Madrid, 2011.
- CEBALLOS HORNERO (Alberto), *Los Espectáculos en la Hispania Romana: La Documentación Epigráfica*, tomos I e II (Cuadernos Emeritenses – 26), Mérida, 2004.
- CENÁCULO (Frei Manuel do), *Manuscrito da Biblioteca Publica de Évora: Álbum de Antiguidades Lusitanas e Luso-romanas e Lapidés do Museu Sesinando Cenáculo Pacense* [Códice CXXIX/1-14].
- CORBIER (Mireille), «L'uno e l'altro sesso: epigrafia e frontiera di “gender”», *Epigraphica* 67 2005 341-366.
- DIAS (Maria Manuela Alves), *Euphrosyne* n. s. 19 1991 465 n.º 116 (que repetirá em HEP 4 1994 998, sintetizando, sem tomar partido, o que eu escrevera em 1990).
- ENCARNANÇAÇÃO (José d'), «Epigrafia romana de Moura», in Santiago MACIAS [coord.], *Moura na Época Romana*, Câmara Municipal de Moura, 1990, 41-59 (designadamente p. 42-45). <http://hdl.handle.net/10316/20763>
- ENCARNANÇAÇÃO (José d'), «La persistance esthétique africaine dans la décoration des monuments épigraphiques romains de l'Algarve», *L'Africa Romana* 16, Roma, 2006, p. 1939-1944 [Actas do XVI Convegno Internazionale di Studi L'Africa Romana, realizado de 15 a 19.12.2004, em Rabat (Marrocos)].
- ENCARNANÇAÇÃO (José d'), «IRCP – 25 anos depois», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11/2 2008 215-230. <http://hdl.handle.net/10316/12234>
- ENCARNANÇAÇÃO (José d'), *Epigrafia – As Pedras que Falam*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2.ª edição revista e aumentada, Março 2010.
- ENCARNANÇAÇÃO (José d'), «A propósito da epigrafia romana do País Valenciano», *Studia Philologica Valentina* 13, n. s. 10, 2011, p. 91-104 (sobretudo p. 93-96). <http://hdl.handle.net/10316/15547>
- ENCARNANÇAÇÃO (José d'), «A propósito das *cupae* do *conventus Pacensis*», in ANDREU PINTADO (Javier) (editor), *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*, Fundación Uncastillo e UNED Tudela, 2012, 437-450. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/18439>
- GRIFI (Luigi), *Sulle iscrizioni intorno a teatri antichi e a giuochi in essi rappresentati – ragionamento primo*, Roma, 1847.
- IRCP = ENCARNANÇAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984.
- KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).
- LIGHTMAN (Marjorie and Benjamin), *A to Z of Ancient Greek and Roman Women*, Nova Iorque, 2008.
- MORAIS (Rui), «Um caso exemplar. Cenáculo e o colecionismo no Portugal de Setecentos», *Cadmo* 19 2009 209-228.
- PAGÁN (Victoria Emma), *Conspiracy Narratives in Roman History*, University of Texas Press, 2005 [ISBN 0-292-70561-1].
- PORTILLO (Rafael), RODRÍGUEZ OLIVA (Pedro) e STYLOW (Armin U.), «Porträthermen mit inschrift in Römischen Hispanien», *Madrider Mitteilungen* 26 1985 185-217 (e Tafel 36-45).
- REICHMUTH (J.), *Die lateinischen Gentilicia und ihre Beziehungen zu den römischen Individualnamen*, Zúriq, 1956. [Citado por Kajanto].
- SOLIN (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982.
- SUETÓNIO, *Os Doze Césares*, Lisboa, Editorial Presença, 1979. [Tradução e notas de João Gaspar Simões].
- WATSON (Alan), *Studies in Roman Private Law*, The Hambleton Press, 1991.
- WATSON (Alan), «Bacchanalian rewards: Publius Aebutius and Hispala Faecenia», *Fundanina* 11/1 2005 411-412.

Society  
and culture  
at Pax Iulia  
according  
to epigraphy

JOSÉ d'ENCARNAÇÃO \*

---

Today there is widespread belief that the most important inscriptions of the *Pax Iulia* colony are incorporated in city buildings as re-used stones. The already identified pieces enable us to conclude that the city's population was composed of cultivated families, of direct descent from the initial colonists, who got rich as a result of trade, farming and mining.

The religious manifestations testified by epigraphs confirm such exogenous framework once installed.

Epigraphic monuments remain our key source to probe into the Roman society of *Pax Iulia* and their cultural manifestations. In spite of in-depth research already done and currently in progress, the number of such epigraphs is still none the less scarce, if we take into account the city's indisputably huge importance.

Those epigraphs provide information on the city's inhabitants, mainly the notables and their families. Also they also inform us, directly and indirectly, about their stand vis-à-vis their fellow citizens. Inscriptions were actually displayed at places where they could be seen and read, and any pretext served the purpose of having them engraved, hence their historical and cultural interest.

**1. TWO COMMUNITIES**

In 1984 the global study of Roman inscriptions found in Beja and its supposed area of influence was presented for the

---

<sup>1</sup> CEALUCP – Coimbra

first time.<sup>2</sup> It concluded that a pre-Roman population existed in the city, not only because of an inscription (IRCP 233) that could be interpreted as making reference to two senates, one indigenous and the other Roman, but also because its onomastic evidenced a marked symbiosis.

It is worthwhile going back to that epigraph, mentioned for the first time by Frei Amador Arrais (1604, 109) and never to be directly seen again by any author after him. Maybe it can be rediscovered someday, as Amador Arrais described it very clearly [Fig. 1] (p. 17): «[...] a piece of marble that used to be in Beja, on the tall wall near the Gates of Moura, bearing these big letters and others worn out by time» [«[...] um pedaço de mármore que sóia estar em Beja à porta de Moura no muro alto, com estas letras e outras gastadas do tempo»]. In other words: «used to be», but... no longer was! Someone had removed it. In this case we are interested not only in Friar Arrais's text, but also in the way he interpreted the text in the scope of his reflection. The sentence is found to Dialogue Four, covering «the glory and triumph of the Lusitanians», and belongs to Chapter Six, in which the interlocutors discuss the «colonies of Lusitania and their foundation». At that point discussion is focused on ascertaining who had undertaken to found *Pax Iulia*, Cesar or Octavius:

«[...] Some say that when Octavius Cesar erected Merida and Saragossa he also founded *Pax Iulia* and gave it his uncle's name. This conjecture however is not correct because the city already had it before, as evidenced by a piece of marble [...].»

He transcribes the text and explains that those letters «make reference to Caius Julius Cesar and the offices he held, as if he had founded it».

Before resuming our analysis of the epigraph, it should be said that, after this quote, the dialogue goes on saying that Beja cannot be mistaken for Badajoz, contrary to what Castilian authors said. And to prove the city's importance in Roman times, Arrais produces not only the dedication to Lucius Verus (IRCP 291) but also the *terminus augustalis* separating Évora and Beja, which André de Resende would have seen at Oriola.

The copy produced by Amador Arrais is, as can be seen, very clear:

C. Iulius Cae. I I  
Vir bis praë.  
Viri 'q; Se

I proposed the following restitution:

C(aius) · IVLIVS · C(aii) · F(ilius) [...] / II·VIR (duumvir) · BIS · PRAE[F(ectus) · FABRVM?] / [...] VTRIQVE · SEN[.] / [...]

And I made the following comment:

«[...] Reference is seemingly made to a municipal magistrate: after having served as duumvir on two occasions he certainly became the prefect of carpenters (*praefectus fabricum*). Line 3 and the following possibly indicated the beneficiaries of some enterprise undertaken by Gaius Julius. In

fact, according to Hübner's suggestion – *populo utriusque sexus*, this would be another case of evergetism; the magistrate could have made gifts to the population of both sexes, a fact to be remembered as women rarely benefited from such acts, hence its deserved mention on texts. Gallsterer however has a different opinion; considering the possible existence of two kinds of orders, or assemblies, of notables, he suggests that *G. Iulius* might have belonged to, or chaired, *utriusque sen(ati)*, a hypothesis that more suitably fits the older versions of the text.»<sup>3</sup>

I added the following note (p. 307):

«At some moment, there could have been a senate for the indigenous population stratum and another senate for the Roman stratum, each having its own statutes. In *Valentia* there was a community of *Veterani* and a community of *Veteres*; in Córdoba, according to Knapp (*Roman Córdoba* 1983 13-14) that is the explanation for the existence of *forenses* and *Hispani*. But no reference to two senates has been found so far in the epigraphy of both cities.»<sup>4</sup>

Truly this is an exciting theme, which I am sure will be approached with regard to all Roman colonies, i.e. were they created *ex novo* or was there a pre-existing population? If there were indigenous people with a minimum level of organization, as perceived, how did the two communities get together in administrative terms, or which was their operating mode? Exciting indeed; we cannot however use this epigraph not only because we have not re-found it, and therefore cannot clarify its interpretation doubts, but also because the text given by Amador Arrais is too short to account for all the speculation produced around it. I am sure that the epigraph (if it ever existed) does not refer to Julius Cesar, but to a municipal notable of the *gens Iulia*. What Arrais reads as *Caesar* is either the affiliation, as I hypothesized, or the mention to the *Galeria* tribe. *Viri* (in line 3) is better interpreted as reference to an office, so more so that the marble's re-use on the 'tall wall' of the Gates of Moura suggests that this epigraph was monumental rather than honorific. Such honorific nature would be related with the philanthropic act that benefitted citizens of both sexes. Other cases can be found of this kind of acts, as I have already pointed out, along with Mireille Corbier (2005, 354-356), especially regarding the Italian Peninsula.

In his long 'recension' to my dissertation (written under his supervision), which corresponds almost entirely to his public reflection at the Sala dos Capelos on the 6 November 1984, Jorge de Alarcão stressed this epigraph's 'particular importance' (1985, 109), if we considered it to evidence the existence of two assemblies; «one would be an assembly of Roman citizens; the other an assembly of the indigenous population established by Julius Cesar at the city». He however suggests that «Beja's funerary epigraphy does not seem to confirm» that hypothesis since the percentage of «funerary stones of citizens» is «extremely small», chiefly because «in Beja, the number of *nomina* or *cognomina* of indisputable Italian origin is extremely small». Perhaps however,

says he, we can also take into account that citizens who owned *villae* in the city outskirts would choose to be buried there, or that their epitaphs (engraved on plaques, or altar stones) still exist, having been re-used in today's city buildings – an easier re-use than that of the *cupae* under which the *liberti* were buried.

Today we know better the onomastic of the people of *Pax Iulia*. So this argument of the smaller percentage of clearly Italian elements – colonists, or of direct colonist descent – may truly be less valuable. In fact there is an onomastic that is foreign to the Iberian Peninsula, very likely used for identifying colonists who predictably enjoyed a position of leadership, strongly backed up by a clientele network created at a very early stage, i.e. their *liberti* and slaves – who have no shame in presenting themselves as such, which clearly shows their good social rank, notwithstanding their social status, and their "friends" – safely integrated into a tight influential ensemble of socio-political and economic relations.

Religion, namely by way of mystery cults, also played a relevant role here, due to the inherent complicities and the secrecy involving the initiation ceremonies. We should stress, in this regard, the important reference to the *sodalitium Bracarorum* (IRCP 339), even though the epigraph's engraved surface is too worn out to enable any interpretation beyond doubt. Just remember that in the region's mining area (Garvão, Ourique), to which *Pax Iulia* certainly owed much of its prosperity, the family of *Ladronus, Dovai filius*, actually did not hesitate to mention in his epitaph that he was *Bracarum castello Durbede* (IRCP 122). That means that the *Bracari*'s community – like other communities, I am sure, thrived and largely benefited from the cosmopolitanism typical of a capital of *conventus*.<sup>5</sup>

Jorge Alarcão's proposal that the owners of *villae* in Beja's outskirts were colonists certainly gained consistency when, for example, a stone block shaped like an irregular parallelepiped [Fig. 2] (p. 20) was found at the Herdade da Fonte dos Frades farm (administrative district of Baleizão), «only smoothed on the face bearing the inscription», which was surely made for «being embedded into the frontispiece of the funerary monument, showing only the face engraved with the inscription» (Alfenim and Encarnação, 1997). It would be the family's mausoleum, and the only name visible on it was that of *C. Cosconius C. f.*, a citizen registered as member of the *Galeria* tribe, which was *Pax Iulia*'s. Based on the type of script and the absence of *cognomen*, we dated it from «the late first century B.C.», which matched the evidence known of *gens Cosconia*. We did not hesitate to place him among «the first group of Italian colonists arrived at *Pax Iulia*».

It is therefore in this methodological context that we shall now dwell on the epitaph of *Asinia Priscilla*, found at Moura and published by Rafael Alfenim in 1988 [Fig. 3] (p. 21). *Priscilla* is identified in the epitaph as PAC · C · R · De-coding PAC as PAC(*ensis*) posed no problem. But letters C and R raised doubts. C(*oniux*?) R(*arissima*?), although not frequent, was a hypothetical solution, in particular if we interpreted the acronyms in line 6 as A(*sinius*) H(*onoratus*?) V(*xori*) P(*iissimae*) P(*onendum*) C(*uravit*). This suggestion was accepted in HEP 2, 1990, 758, and also by the editor of AE 1989 370, who none the less did not hesitate to comment: «Texte surprenant dont le déchiffrement semble aléatoire à partir de la ligne 4 en raison des abréviations».

<sup>2</sup> IRCP = ENCARNÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984, p. 293-440.

<sup>3</sup> In order to lighten the text, cf. the bibliography supplied in IRCP (p. 307).

<sup>4</sup> As regards *Valentia*, I already had the opportunity to show the parallel existence of the two communities (2011, 93-96).

<sup>5</sup> On this epigraph and the location of this *castellum*, see also ALARCÃO 2004, p. 204-205.

In fact there was an unusual repetition of the laudatory epithets and so Alfenim wrote the following:

«In this inscription we should also stress the specific identification of the place of birth of the deceased. It is tempting to interpret line 4 as PAC(e) C(ivium) R(omanorum) or even PAC(ensis) C(ivis) R(omana), showing that Priscilla was born in *Pax Iulia* and had the status of Roman citizen – both her and the population group from where she hailed. This is an unusual expression, without parallel in our known cases, and so we present it with reservations».

Moura can be located in Beturia Celtica and, therefore, Alicia Maria Canto also included the inscription in her book (1997, inscription number 182, p. 153-154). She agrees with the first proposal of Rafael Alfenim, without raising doubts, and then adds: «Luego Encarnação lo hizo como *c(ivis) R(omana)*, pero parece redundante, pues ya lo implica el ser *Pacensis*. M. M. Alves Dias vuelve en 1991 a la idea de *coniu*. También tiene razón AE cuando advierte que, a partir de lín. 4, por exceso de abreviaturas, los desarrollos son algo aleatorios. Otro *origo Pacensis* en el concelho de Moura, no. 173».<sup>6</sup>

I believe Alicia Canto could not possibly have read the more developed study I made in 1990<sup>7</sup> and so, I think, it is worthwhile going back to the arguments then presented. I chose the developed version *Pac(ensis) c(ivis) R(omana)*. And the question asked was: why identify herself as *Pacensis*, if she lived at *ager Pacensis*? The truth is it is not simply *Pacensis*; it reads *Pacensis civis Romana* because, in my deduction, she could be *Pacensis* but without Roman citizenship! In other words a distinction had to be made because, from a social and administrative point of view, such distinction existed!

Thus was confirmed the existence of the double community once conjectured, i.e. citizens and indigenous. And today we can state that archaeological data have amply ratified such duality (Encarnação 2011, 93-96).

## 2. CULTURAL MANIFESTATIONS

Onomastic analysis and, generally speaking, the content of epigraphic texts enable us to assess the population's social status, but epigraphs are an equally eloquent source as regards the cultural level evidenced by the same population.

I chose three examples from Beja's significant epigraphic collection. The first, illustrating religious manifestations, is eloquent in text and typology. The second relates to a burning issue for researchers, i.e. the existence of a theatre house in *Pax Iulia*. Last we shall take a look at a kind of decoration that cannot go without notice, given the cultural implications that will be deduced from it below.

### 2.1. IRCP 229 [FIG. 4] (p. 22)

I choose this monument because, in my view, its importance has not been acknowledged. It is a herm pillar, i.e. a rectangular prismatic pillar in Trigaches marble, meant for holding the bust

or simply the head of an eminent person. It actually performs the function of a pedestal, with one major difference due to its original context, i.e. herm pillars did not have the public nature of pedestals since they were meant to be placed in a domestic setting, at a home's peristyle or even at its *lararium* altar, inasmuch as such tribute involved a marked religious atmosphere.

This is exactly what happens in Beja's monument dedicated by two slaves, Primogene and Felix, to the divinised spirit (Juno) of their lady, Secunda: *Iunoni / Secundae n(ostreae) / Primogene / et Felix ser(vi)*.

The list of the 26 herm pillars documented in Hispania (cf. Portillo *et alii*, 1985, who make reference to IRCP 229 on p. 203-204) confirms their exceptional nature, and consequently a level of Latin acculturation considerably above the average. This is evidenced, in the present case, by another piece found in Beja, also in Trigaches marble. This herm pillar, found in 1894, re-used at Palácio dos Infantes, had been dedicated by the *publici liberti* – the state's freed slaves – to citizen Decimus Iulius Saturninus.

In the first case one should note the simplicity of the dedication, in which the use of the possessive *nostrae*, clearly imitating the formula used for naming the Imperial slaves – *Caesaris n(ostri) servus*, makes it even more striking, indicating a particular level of conviviality. In the case of Decimus the tribute was surely paid by those who, being slaves at the service of the city at the time he held office,<sup>8</sup> deserved the honour of being freed on his initiative – and therefore thank him.

Both monuments represent a rather uncommon cultural level, also evidenced by other examples that we could also use for illustrating this field of religion-marked social relations between the lords and their servants. For example the *ex voto* house altar (*arula*) sculpted at the request of slave *Catulus* in honour of goddess *Salus pro Gaio Atilio Cordo nostra* (IRCP 290). This monument was identified at the important *villa* of Pisões, confirming our above reflection that colonists had their *villae* in the city's suburbs. In this case, besides the dedication to a typically Roman deity, well rooted in the daily life of people, we again stress the use of the possessive. I believe no other city in Roman Lusitania can claim to have so many epigraphic documents (relatively speaking, of course) with such sociological relevance.

### 2.2. IRCP 247

Frei Manuel do Cenáculo, using a drawing published in his Album,<sup>9</sup> divulged this piece – i.e. the fragment of a funerary plaque [Fig. 5] (p. 24) with the following words (interpreted reading):

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / PATRICIVS / EXODIARIVS / ANNORVM / [...]

I thought this epigraph over and translated it as follows:

*Dedicated to the Manes gods. (Here lies) Patrick, actor, aged ... years-old. [...]*

While analysing the drawing of Frei Manuel do Cenáculo, I commented, referring to the *cognomen* of *Patricius*, that Emil Hübner (CIL II 65) had interpreted it as [E]XOD[IA]RIVS, although at first sight one actually reads IXODINPIVS (with NP in nexus):

«In Cenáculo's drawing, only the lower half of the first letter is actually visible, i.e. a vertical line with a trace of a crossing bar in the middle – it could therefore be an E, with a blurred lower bar. The AA do not have a crossing bar, and so the letter after the first I may be an A with a rather extended vertical line on the right, touching the following letter, which could also be a R – we apparently read the lower oblique line; of the final S, we can discern the lower end».

Given the abovementioned usual precision of Frei Manuel do Cenáculo, the proposed interpretation is viable. All we have to do is wait until the fragment is re-found, so that we can better assess its viability. In any case it is not unusual to find the word indicative of an occupation integrated as a person's anthroponym.<sup>10</sup> The most correct translation, one might think, should not be the one I proposed but rather *Patricius Exodiarius*, the word serving as *cognomen*. In this case however I do not think it is, considering that there is no *praenomen* and *Patricius*, used in isolation, is suitable as single name and not as *nomen*, hinting at his status as slave.<sup>11</sup> Therefore we most likely are in the presence of an exodiary, which adds a very significant cultural level to the population of *Pax Iulia*.

Indeed to the extent of my knowledge there is only one more explicit reference to an *exodiarius* in the whole of Imperial epigraphy. We refer to a famous inscription in verse, from Rome (CIL VI 9797), dated 126, in which (if my interpretation is correct) Ursus boasted of his deeds and underscored, on lines 19 and 20, «nec semel sed saepius cuius libenter dicor exodiarius», «not only once, but many times, am I willingly called exodiary».<sup>12</sup>

Literary references to the *exodium*, a small farce-like play that ended a theatrical session and gracefully completed it, are also scarce. In the *Oxford Latin Dictionary* (s. v. *exodium*), reference is made to an excerpt from the *The Lives of the Twelve Caesars* by Suetonius, more specifically the end of Chapter XLV referring to emperor Tiberius where a lubricious quote from an «atellan» is found, thus making a link to the then called *exodia Atellanica*. And although we can hardly find the word 'exodio' in Portuguese language dictionaries, the word «atelana» is given with the meaning «popular farce in use among the ancient Romans». Also Suetonius, in his life of Domitian (X, 4), states: «Occidit et Helvidium filium, quasi scaenico exodio sub persona Paridis et Oenones divortium suum cum uxore taxas-

<sup>6</sup> It should be noted that the 'redundancy' mentioned by Alicia Canto is eventually confirmed, although on a slightly different basis, by the circumstance that we find more people claiming, in the district of today's Moura, they belonged to *Pax Iulia*. I have just had the opportunity to place online – at <http://hdl.handle.net/10316/20763> – that study on the epigraphy of Moura, which, it should be said, HEp 4, 1994, 998, also mentioned.

<sup>8</sup> The existence of another epigraph (IRCP 306) mentioning a homonym leads us to think that this could be the same person, certainly a municipal notable.

<sup>9</sup> The archbishop of Évora meticulously drew the pieces he gradually gathered. His drawings can be trusted, as we find them extremely accurate, to the smallest detail, when we compare them to the extant monuments. Therefore, as regards his drawings of archaeological objects, namely inscriptions, we can assure that error is minimum, given the extreme accuracy of everything he recorded. His album, carefully kept at the Public Library of Évora, consequently is an important historical source, as it already had the opportunity to underline (Encarnação 2010, 47). Although this aspect is not specifically dealt with, the article of Rui Morais (2009) gives us a fine description of the unique activity developed by Frei Manuel do Cenáculo as prelate and humanist.

<sup>10</sup> Family name Albardeiro [Halberdier] originated from an individual who became notable in this activity, the same applying to Torneiro [Turner] or Alfaiate [Tailor].

<sup>11</sup> See KAJANTO 1982, 313, who includes this anthroponym in a list of *cognomina* and further informs that CIL provides, for the Iberian Peninsula, 8 of a total 20 examples. The same servile status seems to have been that of three *Patricii* found at the necropolis of Quinta de Marim (Olião): IRCP 49 and 50.

<sup>12</sup> This inscription has been frequently quoted, for a long time now. See, as an example, that it was already commented on Grif's book of 1847, p. 28-29.

set» («He also had Helvidius son killed, under the pretext that he had reproached the divorce of the prince in the theatrical play titled *Paris and Oenone*»).

This short exposition is useful as appetiser for a conclusion; if *Patricius* was *exodiarius*, as seems to have been the case, we must acknowledge that *Pax Iulia*'s population had a considerably high cultural status judging from the above mentioned characteristics of the *exodia* – small theatrical plays, with a whiff of irony and criticism, aimed to convey a fair amount of good humour. This can be deduced from the following explanation, caused by a satire of Juvenal (III, 175), presented by Crifi (p. 27):

*Exodiarius apud veteres in fine ludorum intrabat, quod ridiculus foret; ut quidquid lacrymarum atque tristitiae coegissent ex tragicis affectibus, huius spectaculi risus detergeret.*

Here is its meaning, in a free translation:

«Among old Romans the exodiarius entered scene at the end of the play to be ridiculous, so that any tears and sadness caused by tragic feelings could be dissipated by the laughter of this show.»

We still think that one day the remains of the Roman theatre will very likely be found under the city buildings. The exodiarius did not mandatorily require a formal stage to perform his pantomimes (our excuses for using this word). But there is no doubt that this epigraph's testimony, if we interpret it correctly, substantially strengthens this reality.<sup>13</sup>

### 2.3. AN «ODD» DECORATION

The *cupae* of *Pax Iulia* rarely have any decoration<sup>14</sup> but IRCP 308 has on one of the tops what I now identify as a fern leaf (*Pteridium aquilinum*, L.) with rolled follicles [Fig. 6] (p. 25). I find a parallel in the graceful capital extant at the reserves of the Faro Museum, which probably came from Quinta de Marim (Encarnação 2006) [Fig. 7] (p. 26). This fern, always with persistent lush foliage, may well represent hope in the future, in ever renewed existence, a symbol of perennality. Its decoration, it should be noted, has some relation with the funerary stele identified in the Roman provinces of *Africa*.

Nobody seemed to have noticed the IRCP 351 stele, of unknown provenance but surely from the territory of *Pax Iulia* because it has been carved in Trigaches marble. We can read the following on its inscription [Fig. 8] (p. 26):

HISPALLVS / BOCCHI SER(vus) / ANNOR(um) III (trium) / H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) / EVHODVS F(ecit).

Here lies three year-old Hispalus, slave of Bocchus. May the earth be light upon thee. Euhodus made it.

It had never been published until it was included in AE 1984 462. Its publisher only made the following comment: «Onomastique connue. Datation difficile».<sup>15</sup> I believe that, apart from its inclusion also in <http://edabaeae/> (registration number 23706), no-one else seems to have cared for this stele, which, in my view, deserves more than the comment I made on p. 427 of IRCP: «The text is interesting due to its onomastic», because, for example, *Hispallus*, which Kajanto considers equivalent to *Hispanus*, is very scarcely represented.

Today *Bocchus* is a very famous *cognomen* due to the Lusitanian *Cornelii Bocchi* (see Cardoso and Almagro-Gorbea 2011). We shall not go as far as establishing a mandatory relationship between this *Bocchus* and those found in the estuaries of rivers Tejo and Sado; nothing however prevents us from doing so, as he was «certainly an owner or a municipal bourgeois». As the political, social and economic importance of the *Bocchi* is now well established, their possible intervention in *Pax Iulia* – through their *liberti* and slaves, should not be overlooked. Maybe I am speculating; the fact however remains that the person who erected the epigraph (expressly writing «fecit...») was a certain *Euhodus*. This name and the fact that the deceased was only three years-old – something worthy of being taken into account – show that he was his father and slave to the same lord. So *Bocchus* only apparently remains in the backstage.

Perhaps it is not altogether out of purpose to say that the presence of anthroponym *Hispallus* deserves more attention than I could give it in the context of IRCP.

Therefore let us read Kajanto once more.

«Barbaric ethnics appear as the cognomina of the Roman nobility only after the peoples had come into the Roman sphere of influence: *Hispallus* is recorded 176 B.C. [...]» (note on p. 49). On p. 125, while explaining diminutives and their formation, Kajanto gives as examples of few phonetic changes «the republican names *Atellus* (*Ater*) and *Hispallus* (*Hispanus*) [...] explainable as from *Atr(e)los* and *Hispan(e)los*». But the explanation for the above opinion only comes on page 199, as he speaks about *cognomina* etymologically based on toponyms: he quotes *Gnaeus Cornelius Scipio Hispallus*, who became a consul in B.C. (PIR IV p. 90), and clarifies, quoting Reichmuth (p. 54), that «his father fought and was killed in Hispania, and may have been called *Hispanus*». Kajanto subsequently states that *Hispallus* can be found in CIL X 5588 (Campania)<sup>16</sup> and mentions a *Hispalus* referred to in CIL XI 6193.<sup>17</sup> Speaking about *Hispala Faecenia*, «a famous courtesan 186 B.C. (RE 6, 2097)», he states: «Probably has an old women's praenomen», which, in truth, does not seem to me a clear justification, if we take stock of what Victoria Emma Pagán says about this influential courtesan (p. 61):

«Originally a Spanish slave from *Hispalis* (now Seville), she took the name of her patron upon manumission.»

Exactly what I suspected, i.e. Kajanto's interpretation, albeit clever, is not acceptable – we cannot assure that a given name necessarily proves an individual's geographical origin. In this case however it is highly probable that this also documents a relationship between *Pax Iulia* and *Hispallis*, both cities of Baetica, evidencing once again the strong cosmopolitanism of Beja's population. Besides, the relationship with Baetica, chiefly through *Myrtilis*, should not come as a surprise, so more so that in *Mirobriga* we find a private tribute to a *adlectus italicensis* (IRCP 151). But what kind of relationship could that be, if *Hispallus* was no more than a three year-old slave?! We are talking about a cultural marker, although we should also consider the possibility that *Euhodus* had come from *Hispalis* and so identified the child accordingly.<sup>18</sup>

At this point, we can read again the description of the piece (IRCP p. 426):

«We find two (four-petal?) rosettes at the base of the pediment, one on each side and a geometric decoration at the centre. Volute-shaped arm-like elements spreading from an axis are somehow similar to the decoration of *cupa* 308, recalling the palm leaves that decorate the triangular handle of certain oil lamps from Carthage». In conclusion: «On the whole this typology is totally unrelated with the region, but full of tenderness for a child's epitaph». And I added on the following page: this epigraph is «a work of art, perhaps inspired by models found in other land». By having made it, *Euhodus* «evidences not only his aesthetic taste but also his tenderness, as he does not introduce himself as craftsman of the epitaph only for economic reasons...».

It was the study of the capital fragment from Faro (Encarnação 2006) and the extraordinary resemblance of the plant-like motif (the fern) present in those three monuments – capital, *cupa* and stele, that caught my attention for its possible interpretation as proof of actual cultural exchange, which naturally accompanied economic and social exchange.

### CONCLUDING REMARKS

Many other aspects of Beja's epigraphy could be logically invoked to demonstrate that the capital of *conventus Pacensis* welcomed, at all times, influences from widely diversified provenances. It never was – nor could have been! – a city isolated from the rest of the Roman world! And if the presence of so many freed slaves and slaves – who, I repeat, have no shame in introducing themselves as such because they belonged to families well-positioned in Beja's society – is symptomatic of a well-structured social dynamics, the conclusion we can draw from epigraphic monuments as those analysed herein, in aesthetical and cultural terms, amply complements the very strong cosmopolitanism that always characterized the city. Architectural monuments already found and those under way of being discovered will eloquently confirm this.

<sup>13</sup> Ceballos Hornero also includes the epigraph in his book: p. 383-384 (inscription no. 66). He quotes Mariner's opinion, according to which *Patricius* could have crossed the Iberian Peninsula travelling with his group, eventually dying at *Pax Iulia*. This proves, he concludes, that a theatre existed in this city, just like, quoting Hauschild's opinion, «at least in every capital of *conventus* there was a permanent theatre, at which the population could regularly attend performances of *ludi*». In what concerns this type of monument, a scientific meeting has been held in which I sought to expound the state-of-the-art regarding the importance of *cupae* in the territory of *conventus Pacensis*: Encarnação 2012.

<sup>15</sup> The sentence «datation difficile» echoes my previous words: «Standard criteria for establishing the date are not applicable here; the absence of a Manes invocation may be a cultural-religious indicator rather than chronological – slaves had no ancestors, nor any family. The formula's simplicity, rather than evidencing the Spartan concision of the classical epigraphic language, hides humility, a «shamed tribute». This is *L. Pomponius* [...] *Hispallus*, one of the *duumviri* related to works done on an aqueduct (the other is *L. Candidus*...».

<sup>16</sup> This is *L. Pomponius* [...] *Hispallus*, one of the *duumviri* related to works done on an aqueduct (the other is *L. Candidus*...).

<sup>17</sup> Found in the jurisdiction of *Ostia* (*Regio VI*), it identifies the owner (or maker) of a led blade weighing 80 pounds: *L. Carull. L. I. Hispali. Men(en)ia tribu*.

<sup>18</sup> Anthroponym of Greek origin, which most probably can be related with verb «ευδόμεναι» [ευδοσιζου] «achieve», «successfully finalise». *Euhodus* is represented in Hispanic epigraphy by less than 10 examples. But it is commonly found in Rome's epigraphic corpus (cf. Solin 1982, p. 852-854).